

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

Que pensar do homem terciario? pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Dinheiro de S. Pedro*, carta pastoral do Ex.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa; *A necessidade d'uma boa educação ecclesiastica*, pelo Dr. Manoel Xavier Pinto Homem.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Snr. Julio Ferry*, pelo P.^o Felix.—SECÇÃO CRITICA: *Exame critico de um mau livro*, pelo P.^o Chrispim Caetano Ferreira Tavares, (continuação); *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense.—SECÇÃO HISTORICA: *O Sanctuario da Senhora de Guadalupe* (conclusão) pelo P.^o João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Barca do pescador*, poesia por A. Moreira Bello; *Em Coimbra*, pelo P.^o Alfredo Elviro dos Santos; *Victor ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do P.^o Lima, (continuação).—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A Roma, da Verdade*.

GUIMARÃES 15 DE FEVEREIRO DE 1881

Que pensar do homem terciario?

Consoante a Biblia e o sentir dos primeiros e verdadeiros sabios, ainda do seculo XIX, o homem é uma criação do ciclo quaternario, o remate e a corôa d'essa incommensuravel serie inorganica e biologica pela qual Deus exprimiu no tempo o plano de um poder e de uma sabedoria, que tudo fez com numero, pezo e medida.

Ha, porem, uma semi-ciencia (aquella que Rogerio Bacon dizia que affastava de Deus), a qual, que não seja senão para collocar-se na estacada oposta á dos crentes, ou equilibrar-se no terreno oscillante das ovações do pensamento livre, propende systematicamente para as theorias antibiblicas (ou que julga tacs), embora novas investigações do um estudo mais aturado e circunspeco venham subsequentemente confirmar as affirmações mosaicas.

E' essa semi-ciencia que pretende sustentar que já na epocha terciaria, epocha do mammifero myocenne, se encontra o typo humano, cuja fórma, evoluendo mais e mais perfeita, se fixou definitivamente na epocha quaternaria. Esta questão foi assás ventilada no congresso scientifico que se realizou no nosso paiz nos fins do anno transacto, e desafiou, talvez em excesso, a sanha da imprensa catholica portugueza.

Não haveria, ou não poderia haver repugnancia absoluta da parte dos christãos em admittir que Deus preludiasse á criação do homem propriamente dicto, pela criação, na epocha terciaria, de

um antropomorphe, semelhante mais ou trazem os vestigios de um trabalho, menos, ainda pelo lado das faculdades intellectuaes, ao que Elle havia de considerar por algum tempo como real-mente devido á intervenção de um ser humano, foi um sacerdote catholico. O

Se a existencia d'esse pre-homen, ou homem terciario, chegasse a demonstrar-se experimentalmente; se pelos dados paleontologicos do determinismo scientifico se tornasse um facto adquirido para a sciencia a autogenesia evolutiva d'esse individuo da escala zoológica, não toriam os christãos, ainda quoad tacs, para que recusasse a. Ella não infirma, em absoluto, a narração biblica, que apenas falla do homem creado á imagem e semelhança de Deus, do homem aureolado com o esplendoroso apannagio da razão, do homem do ciclo quaternario.

Não julguem, portanto, os transformistas, sequazes docilissimos da theoria de Darwin, que, se repellimos todos os dados por elles empilhados para fazerem remontar a origem do homem alem de Adão, que é para nós o verdadeiro e unico protogene da especie humana, seja, porque uma tal theoria está em radical antinomia com o plano mosaico da criação, conforme nos é narrado pelo grande historiador. A doutrina catholica não teme nem nunca temeu a sciencia nos mais luminosos horizontes que nos pode rasgar o talismã das suas brilhantes descobertas. Brada-lhe, pelo contrario, sem recio: «tu és minha irmã, cresce o decupla ao infinito os teus progressos, *soror mea es, crescere in mille millia* (Gen.)» E tão pouco a teme, que o primeiro (saibam-no os que o ignoram) que apresentou, no congresso de 1867, os primeiros objectos da epocha myocene (onde se depara o terreno ternario medio), que

considerado por algum tempo como real-mente devido á intervenção de um ser humano, foi um sacerdote catholico. O primeiro argumento sério e experimental, fornecido em prol do antropomorphe terciario, foi o do padre Bourgeois.

Todavia, asserveramos *ab ovo* que nada até hoje pode induzir de um modo positivo e irrecusavel a concluir a existencia do homem terciario, antes pelo contrario as numerosas tentativas geologicas envidadas corajosamente para estabelecer-a, só tem disparado na prova da inanidade de todas as investigações scientificas dirigidas n'esse sentido.

Se o leitor, pouco enfascado n'estas questões, não desdenha desperdiçar um largo cunprego d'olhos em percorrer até ao fim um artigo consagrado a destrinçar uma das mais momentosas questões scientificas da actualidade, entre em espirito conmigo n'un museu d'archeologia. Não lhe metta medo o pelotão cerrado de esqueletos que o povoam nem a cascalhada de silex talhados que alastram as mezas d'esse repositorio de antigualhas, porque me parece do maior interesse verificar á luz da sciencia se por lá se encontram, de facto, os restos mortaes de nossos primeiros avós, e os vestigios incontestaveis de suas primeiras industrias.

Aqui estão uns poucos de silex esgastos, confeccionados em guisa de raspador. Devem ser antiquissimos. Descobriu-os o padre Bourgeois por debaixo de uma camada quaternaria e de muitas camadas terciarias que encerravam restos de mastodontes; tendo-os apresentado no congresso de 1867. Foram achados em Thenay (perto de Pontevoy, França).

Porem, pergunta-se; esses silex foram por ventura talhados *intencionalmente*, e por entes a que possamos com certeza chamar *homens*? A questão foi examinada sob todos os aspectos e as sumidades scientificas que no alludido congresso se encontravam, Mortillet, Hovelaque, e Gaudry resolveram-n'a n'um sentido *negativo*. Este veredicto tem tanto mais força quanto é certo que, de primeiro, os mesmos sabios tinham opinado affirmativamente e proclamado em ar triumphante: «está finalmente descoberta a prova irrecusavel da existencia do homem terciario.» Mortillet chogara a etiquetar essa epocha com a designação pittoresca de —epocha de pedra admirada, *époque de pierre étonnée*. Procedeu, porem, depois a um inquerito mais consciencioso, muniu-se de lente mais graduada, analysou melhor os silex e reformou totalmente o seu juizo, d'accordo com Gaudry, que na sua recente obra «Encaedamentos do mundo animal nos tempos geologicos», declarou «que a idea *mais natural* que se offerencia ao seu espirito era que os silex de Thenay tinham sido talhados pelos *dryopitecus*.» Ora o dryopiteco é o grande macaco terciario, descoberto por Fontan em S. Gaudens (França) e descripto por Lartet. D'ahi ao homem medeia mais que uma cauda, medeia toda a evolução antropomorpha (vã de evolução, se quiserem, embora dada e não concedida) necessaria e sufficiente para transfigurar um quadrumano n'um bipede da ordem dos primates. Primeira decepção.

Seguem-se os utensilios encontrados em Santo Acheul e que parecem remontar ao fim do ciclo terciario. Quaes foram os seus auctores? Seriam homens? O facto da tal ou qual industria que revelam não o demonstra peremptoriamente por si mesmo. Tacs utensilios não ultrapassam nem attingem, consoante nota Moigno, a intelligente confecção dos ninhos de alguns passaros, do favo das abelhas e da casa do castor. Ainda hoje o simia se serve de pedras (e ás vezes da mesma, que conserva) para quebrar o cortex de certos fructos, de um pau para abordoar-se, etc. Mas não vamos a contentar-nos com hypotheses. Entremo-nos de provas mais positivas.

Os caracteres do craneo de Neanderthal (que reinonta precisamente á epocha do terreno myocene ou terciario, onde se descobriram os utensilios de Santo Acheul), antes mesmo de terem sido observados em todos os craneos de epochas subsequentes, foram *in limine* considerados *pelo menos* como pathologicos, como accusando caracteres de idiota. Porem, ha mais do que isso, no craneo de Neanderthal, como no da

Naulette e nos outros de igual ciclo, sobrelavam com deslumbrante evidencia a proeminencia das arcadas superciliarias, o achatamento de toda a caixa craneana, a quasi-carencia de queixo, a forma arredondada e direcção das costellas, outras tantas notas caracteristicas que, segundo as affirmações experimentaes da sciencia, «designam claramente não um homem, senão um simples macaco, qualquer que seja a opinião que se tenha acerca da origem do homem.» No terreno a que nos referimos não apparece outra ordem de esqueletos. Segunda decepção.

Os mamiferos, note-se, tinham apparecido na idade terciaria e attingido o seu completo desenvolvimento no meado d'ella. Attestam-n'o os fósseis descobertos. Encontram-se *lemurianos* (chamados *falsos macacos* pela remota analogia anatomica que tem com elles, tal como a Ay-aya) nas camadas da mencionada epocha, e é dos lemurianos que Hekel, baseando-se n'uma consideração zoologica hoje tida por erronea no sentir de Laborowski e outros naturalistas notaveis, faz derivar o antepassado do homem!

Nem tanto atavismo, mestre Hekel! Laborowski não vacilla, com quanto insuspeito, em escrever as seguintes palavras de rebate á asserção de Hekel: «não ha, na epocha do myocene medio, *uma só* experiencia de mamifero *identica com as especies actuaes*.» Não se tracta de variedade zoologica, observem os leitores, tracta-se de especie, que não é variedade nem pode sel-o, como o demonstrou que farto o insigne biologo Quatrefages, porque a especie é irreductivel, immutavel, essencialmente distincta de todas as gradações ou modificações a que possa dar-se o nome de variedade.

Prosigamos a nossa viagem á roda do museu de paleontologia.

Eis aqui ucia duzia de ossos pliocenes (ou do terreno terciario superior), descobertos por Capellini, um dos mais distinctos membros do nosso congresso scientifico de 80, e apresentados no congresso de Buda-Pesth em 1876. Parecem ter sido entalhados por mão de homem. São algumas costellas de uma pequena baleia fossil, enalhada perto de Bolonha. As incisões que n'ellas se veem são todas praticadas na sua face convexa, como se houvessem sido feitas por individuo que tivesse esbrugado á força de silex pontegudo a carne da baleia, varada de flanco na praia. Naturalistas italianos, presentes no dito congresso, a quem Capellini mostrou as costellas fósseis do cetaceo, foram de parecer que «as incisões testemunhavam, assim pela sua forma como pelo lugar que occupavam, a acção de um ente que manejava um instrumen-

to; porem que sobre esse ente, que *provisoriamente* chamariam homem pliocene, *nada sabiam*.» E eis-ahi o alvitro em que assentaram os primeiros sabios da Italia, acerca da ossada encontrada por Capellini, sobre a qual tanto se cascalhou e disparatou no mundo balofo dos semi-sabios. Terceira decepção.

O mesmo se tem concluido relativamente a outros objectos deparados no terreno terciario. Nenhum revela de um modo *indubitavel* a existencia do HO-MEM n'essa epocha. Investigações seguidas de affirmações precipitadas, affirmações seguidas de duvidas scientificas e prudentes, duvidas seguidas ás vezes de affirmações em sentido inverso ás precedentes, tal a historia das tentativas commettidas pelos intrepidos mastins do homem terciario.

Estas decepções deviam-os ter ensinado a serem mais comedidos, porque a geologia é uma sciencia moderna, modernissima, que, se já teve tempo para estudar factos, ainda o não tem para tirar conclusões, estabelecer leis analogicas, elevar-se ás causas, e formular axiomas. Por ora engatinha e se o esquece, e quer *engambar* como homem, tropeça e cahe, embora depois cante a palinodia e acabe por encostar-se a Moysés.

Desencanta macacos em terrenos terciarios e teima em afirmar que são typos humanos, protogenes do bipede da raça dos primates. Não pode ser.

Vel-o-hemos no artigo seguinte, com os factos na mão.

Cavalthões—Marco de Canavezes.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

O DINHEIRO DE S. PEDRO

Damos hoje publicidade a este importantissimo trabalho do Em.º Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, a quem agradecemos penhoradissimos a remessa do mesmo.

IGNACIO I, CARDEAL PRESBYTERO DA SANTA EGREJA ROMANA, DO TITULO DOS SANTOS NEREO E ACHILLEO, PATRIARCHA DE LISBOA, ETC.

Ao Reverendissimo Cabido, Parochos, Clero e mais fieis do Patriarchado, da Prelasia de Thomar, e do Priorado do Crato, saude e benção em Jesus Christo Nosso Divino Salvador.

DILECTISSIMOS FILHIOS

Tantos e tão graves são os males que presentemente affligem a Igreja

de Jesus Christo, e é tão amargurada a situação do Summo Pontifice, do Nosso Amantissimo Pae, o Sabio Leão XIII, que mais uma vez julgamos um dever do Nosso munus pastoral elevarmos a voz, para vos mostrar as dolorosas circumstancias, em que se acha o Vigario de Jesus Christo e a sua falta de recursos para occorrer ás tão grandes e instantes necessidades da familia catholica.

Vós não ignoracs, Carissimos Filhos, que depois que o Papa Rei foi despojado dos seus Estados e dos bens que a piedade christã consagrou com tanta providencia, como sabedoria, ao governo da Igreja, o Soberano Pontifice e Pae Commum dos fieis, ficou detido no Vaticano e sem meios para remediar as innumeradas necessidades da grei christã e desempenhar a altissima missão de Supremo Pastor e Vigario de Jesus Christo. Em taes condições como pode Elle mandar os milhares d'obreiros da civilisação levar a Boa Nova, a luz purissima e salutar do Evangelho, aos povos que jazem nas trevas do erro, e vivem nas sombras da morte, nas vastas regiões da Asia, nos innumerados serões da Africa, da America e da Oceania? Como sem instituições adequadas ha de formar na sciencia, na virtude, na fé ardente, na dedicação sublime, o padre, o sacerdote, o missionario, o apostolo, o mestre da civilisação, que é tambem o guia seguro da eternidade bendita? Como ha de erguer templos, e levantar altares ao Deus vivo; como construir hospitaes, e crear asylos; ser o amparo do orfão e da viuva, o arrimo da velhice e da fraqueza, o amigo do pobre e do desgraçado, a providencia do indigente, a consolação do atribulado e do enfermo?

Como ha de o Pae Commum dos fieis socorrer seus filhos, e ter um remedio a cada necessidade, um lenitivo a cada dor, um balsamo a cada ferida, encher todas as lagrimas e ser cheio de caridade para com todas as miserias?! Como ha de emfim, sem meios, o Soberano Pontifice, a Pedra angular do edificio social, ser, como deve, o iniciador e protector do tudo o que é grande e nobre, apostolo e Mestre da verdadeira civilisação, e ser dignamente o Vigario do Homem-Deus que passou por este mundo fazendo o bem *pestransiens beneficiando!*

O coração amantissimo do Pae Commum dos fieis, Carissimos Filhos, enche-se da mais intensa dor vendo tanta necessidade a que não pode dar remedio e tanta guerra, tanto damno causado á Igreja e sem liberdade precisa para combater e defender a grei que

pelo Divino Salvador lhe foi confiada: *Pasce oves meas, pasce agnos meos* (S. João, cap. 21).

D'un lado vê seus pequeninos filhos pedindo o pão da divina palavra e com elle a luz do espirito e o pão que mata todo o genero de fome, e não tem quem lho reparta: *Parvuli petierunt panem et non erat qui frangeret eis;* como dizia o Profeta. Do outro, como Rachel, chora a morte de seus innocentes filhos e não tem quem possa dar-lhe consolação: *Nolentis consolari super eis, quia non sunt* (Jer. cap. 31). Sim, o Vigario de Jesus Christo vê esses queridos filhos trucidados por mãos tyrannicas; vê-os arrancados a seus claustros, á sua religião, que lhes era cara como mãe estremecida, á sua patria, a seu sublime ministerio, e errantes por essa *culta* Europa, como párias da civilisação, como outr'ora os leprosos expulso dos povoados, e expostos á irrisão dos impios, á perseguição dos máos, aos vexames de toda a ordem, muitas vezes mais dolorosos que a morte e menos gloriosos que o martyrio.

Roma era d'antes a cidade de refugio, um asylo para todos os injustamente perseguidos, para todas as victimas da tyrannia. Os braços do Pae Commum dos fieis estendiam-se a todos os infelizes, recebiam todos os desgraçados com nunca desmentida caridade; hoje, porem, Elle é tambem victima e victima despojada; não tem um palmo de terra em que possa dar asylo a seus filhos perseguidos, nem recursos para socorrer suas necessidades; só tem um thesouro inexgotavel, é o thesouro de sua dor e de suas lagrimas, o thesouro de seu immenso amor para comnosco.

E' certo, Amados Filhos, que almas boas e corações generosos e christãos não teem deixado de levar aos Sagra-dos Pés do Nosso Santissimo Padre e Pontifice, as offrendas de sua piedade filial e os testemunhos de sua veneração e amor; na verdade, esses soccorros teem sido uma fonte salutar de consolações para o Vigario de Jesus Christo e um valioso auxilio para o governo da Igreja Catholica; a revolução, porem, tem exaurido em parte essa fonte de caridade, empobrecendo os povos onde domina oppressora e arrancando do coração dos bons, com a fé que inspira as mais nobres e generosas acções, o santo desejo de *dar* e de socorrer. Aquelle em cuja defesa deveriamos consagrar até ao ultimo scitil dos nossos bens e a ultima gota do nosso sangue.

Eis a razão, Carissimos Filhos, porque essa grande e admiravel instituição, que é hoje o unico erario do Papa-Rei, depois que foi despojado dos seus Estados e privado dos seus bens

abrange as innumeradas necessidades da Igreja, se os fieis não lançarem d'un modo permanente n'aquelle cofre abençoado e de bençãos, os obolos de sua caridade, e suas offrendas, testemunhos de sua dedicação filial ao Nosso Amantissimo Pae Leão XIII, que com tanta prudencia e sabedoria dirige a Barca de Pedro.

(Continúa).

A necessidade de uma boa educação ecclesiastica

(Continuação)

«Se, pois, o fim dos seminarios é a educação do clero, que ha de ir instruir e evangelisar os povos, é dos seminarios que depende esse bom ou mau resultado, pela boa ou má educação que ali receberem e assim se tornam elles responsaveis pelo mal que os maus sacerdotes produzirem com o seu pessimo exemplo.

«Aquelles a quem de direito compete attendam ainda n'esse limitado numero de padres que sahem ordenados dos seminarios, nem todos attingem a piedade, a virtude e a dignidade que convém e se tornam necessarias ao ministro do Senhor, e as consequencias d'esta falta são desgraçadamente visiveis e palpaveis! E pelas causas já apontadas o estado actual do regulamento dos seminarios não pôde remediar o mal, por mais esforços que para isso se empreguem: dê-se-lhes, pois, outra fórma em harmonia com as circumstancias da epocha em que vivemos.

«Na minha humilde opinião não acho outra fórma de regulamento senão o isolamento, quanto possivel, nos manucebos que se dedicam á vida ecclesiastica, do contacto de maus exemplos em que abunda a actual sociedade: haja um *internado* nos seminarios de fórma que, admittidos os alumnos que se disserem com vocação, nunca mais saiam a ferias em quanto não tiverem recebido, pelo menos, a ordem de subdiacono.

«Nos tempos determinados para ferias, proponha-lhes o Seminario no mesmo edificio, ou em uma quinta de recreio, sua ou do renda, os divertimentos proprios a alliviar e fortalecer-lhes o espirito, e a desenvolver-lhes e robustecer-lhes as forças physicas; mas tudo isto debaixo das vistas e vigilancia de empregados do Seminario.

«Mas isto ainda não é tudo; deve haver muita cautela, muita prudencia, e muita fiscalisação no modo de admissoes dos alumnos ao Seminario. De fórma nenhuma devem hoje ser admit-

tidos aos seminarios, mancebos que se não dediquem á vida sacerdotal: estes difficilmente se amoldam ás praticas d'um Seminario, e são exemplo permanente, para os outros, d'orgulho e altivez; e não poucas vezes *propagandistas* de indifferentismo religioso e odio á religião e a seus ministros, de que já vem saturados antes do entrarem nos seminarios.

« Houve epochas, é verdade, em que Prelados, aliás muito respeitaveis em virtudes e saber, admitiam em seus seminarios mancebos que se não destinavam á vida ecclesiastica, e que suas familias preferiam ali educar, com o fim de lhes dar uma educação religiosa mais solida (bons tempos eram esses!). Mas, n'aquelles tempos de mais fé e moralidade, o perigo não era grande, attendendo a que aquelles mancebos levavam de casa de suas familias uma boa educação religiosa, e com facilidade se lhes augmentava e aperfeiçoava conjuntamente com a educação litteraria, sem quebra da educação e moralidade dos alumnos ecclesiasticos. Hoje, pelas razões já expostas e que julgo incontestaveis, a concorrência de taes alumnos é um grande mal; é um elemento permanente de indisciplina e de desordem.

« Na admissão dos seminaristas propriamente ditos tambem se deve attende muito á idade: salvas raras excepções, nunca se devem receber alumnos que excedam de 10 a 12 annos; porque n'essas idades ou veem no estado de innocencia, ou ainda a immoralidade lhes não tom feito grandes estragos e facilmente se levarão ao bom caminho.

« E' sem duvida o Seminario Patriarchal aquelle que com mais vantagem pôde ensaiar este systema de educação ecclesiastica pelo grande numero de alumnos gratuitos que admite todos os annos. Acabam, é verdade, as especulações de muitos paes, que a pretexto de vocação dos filhos para a vida ecclesiastica, aqui os veem educar gratuitamente ou por modica mensalidade, com o fim determinado de lhes darem outro destino; e n'este caso diminuiria o numero dos concorrentes; mas, sendo isto já uma grande vantagem para o Seminario, que todos os annos dispendo grossas sommas em proveito d'esses especuladores, nem por isso haviam de faltar alumnos, e o numero dos padres havia de augmentar.

« Se apparecer outro melhor systema, e de mais facil execução, que produza o fim desejado, adopte-se, mas sem perda de tempo; aliás verificar-se-ha o recio que a Ex.^{ma} Junta da Bulla manifesta em sua consulta já citada—*a falta de padres que já se sente em algumas dioceses, e o risco de maior falta, com*

gravissimo prejuizo do serviço da religião e do estado.»

Do que fica dito se evidencia que já em 1874 eu julgava um *internado* nos seminarios como meio indispensavel para se poder levar a effeito uma educação ecclesiastica, tal como ella deve ser, fundada em uma solida piedade e no santo temor de Deus. E não indicava um simples *internado* no tempo lectivo, mas um *internado* absoluto e permanente que abranja tambem todo o tempo de ferias. Ainda hoje penso da mesma fórma, por isso que militam as mesmas razões e *mais correctas e augmentadas!*

Tudo quanto os jovens seminaristas adquiriram de bom no *internado*, limitado ao tempo lectivo, vão perdê-lo no tempo de ferias pelo novo contacto com a desmoralisação sempre crescente do seculo actual, e com estas frequentes alternativas do bem e do mal os vicios, longe de diminuirem, irão sempre crescendo á proporção que as paixões se forem desenvolvendo com a idade.

Não faltam infelizmente d'estes exemplos; masahi vai um bem frisante e significativo, acontecido n'este Seminario por occasião das ferias da Paschoa d'este anno.

Ha seis annos que um benfeitor do Rio de Janeiro offereceu a este Seminario quatro contos de réis em inscripções para com o rendimento d'ellas (120,000 réis) se sustentar e vestir um alumno pobre que se dedique á vida ecclesiastica até concluir todos os seus estudos e receber a ordem de presbytero.

O primeiro mancebo que veio gozar este beneficio era filho d'um pobre carpinteiro de Lisboa que deu entrada no Seminario aos 13 annos de idade. Era intelligente, manifestava uma decidida vocação, e teve sempre um exemplar comportamento; quando no conselho final de cada anno lectivo se formava um calculo approximado dos seminaristas que com probabilidade levariam por diante a sua ordenação, sempre *Agnello da Silva Ramos* entrava n'este numero!

(Continúa)

Dr. Manoel Xavier Pinto Homem.

Secção Scientifica

0 artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do sr. Julio Ferry.

Pelo Revd.º Padre Felis

TERCEIRA CARTA

0 artigo 7.º e o direito da familia

(Continuação)

Que estranha maneira de comprehen-

der e de respeitar os direitos da paternidade! Como? o pae e a mãe só servem para dar filhos á luz? só servem para os nutrir, para os proteger, para os educar na infancia, para os acariciar longo tempo e para os rodear de seus desvelos e sacrificios; e quando estes filhos tiverem doze ou quinze annos, achar-se-hão de improvizo, destituídos da faculdade de lhes escolherem mestres dignos d'elles! e o Estado armado da lei draconiana que lhe metteis na mão hade vir dizer aos paes e ás mães: Só eu, d'aqui em diante, tenho direito de instruir, de ensinar e de educar vossos filhos! compete-me só a mim dar-lhes o ensino que convém a todos os filhos de uma mesma patria!...

E o pae e a mãe deverão responder a este mestre sem paternidade e por consequencia, sem coração e sem entranhas: Pois bem! seja assim, tomæe nossos filhos para os fazerdes á vossa imagem! A nossa missão está acabada: d'aqui em diante é ao Estado que pertence o escolher instituidores para elles; é ao Estado que pertence dar-lhes, se assim lhe apraz, o ensino do livre pensamento, quero dizer, do antichristianismo. A nós cumpre-nos sómente retribuir com nossa parte proporcional de imposto este ensino contrario ao ensino que receberam de nós.

Eis aqui, sr. Ministro, a posição na qual a vossa lei colloca os paes e as mães catholicas, ou, ainda uma vez, a immensa maioria das familias francezas; e isto, em quanto vão esperando aquellas leis com que as haveis ulteriormente ameaçado. Que! a obrigação moral imposta ao maior numero das familias catholicas e francezas de deixar arrancar da alma de seus filhos, na segunda metade de sua educação, o que ellas lá semearam e cultivaram na primeira, com tanta solicitude! a tristeza sem igual para corações de pae e de mãe, de ver o ensino da escola aniquilar a obra consumada pelo ensino do lar domestico! E Vossa Excellencia acha mau que se chame a isto offender o direito paternal, invadir o santuario da familia e um santuario ainda mais intimo, o santuario das almas!

Mas, Sr. Ministro um momento, supponde, por uma hypothese absolutamente possivel que em logar de serdes um filiado da franc-maçonaria, ercis um pae de familia, tendo como tantos outros da vossa propria raça, convicções religiosas profundamente arraigadas; francamente, n'este caso applaudirieis um ministro, não importa saber de que republica, que viesse em nome de uma lei sahida hontem do seu cerebro obrigar-vos a deixar arrebatado á alma de vossos proprios filhos, por um Ensino do Estado hostil á vossa fé, o que vós estimarieis como o mais rico thesouro de

sua vida e a melhor herança que poderíeis legar-lhe?

E que pensaria Vossa Excellencia de uma lei que implicitamente vos condemnasse a fazer inculcar a vossos proprios filhos, sob o nome de ensino do Estado, ideas e doutrinas absolutamente oppostas ás vossas doutrinas e ideas? Ora podeis acaso, negar que tal é precisamente a situação que a vossa lei tem preparado a tantos milhares de paes de familia? Porventura, não vedes quantos são aqui flagrantemente a confiscação do direito paternal e a iniquidade da vossa ingerencia legal nas cousas as mais essencialmente reservadas á autoridade e ao dominio da paternidade?

Ah! este direito paternal, este direito que brilha com o esplendor de sua propria evidencia, poderíeis, sem duvida, tentar encubril-o, por um momento, sob razões facticias e sob formas mentirosas: não poderíeis aniquilal-o, estae certo d'isso. E todas as habilidades da vossa politica, e todos os recursos da vossa intelligencia e todas as eloquencias que conspiram com a vossa, não farão em tempo algum, que entre a lei do Sr. Julio Ferry e os direitos da paternidade, não exista um antagonismo profundo e que este antagonismo radical não dê nos olhos ainda abertos á luz, e não indigne todas as almas ainda apaixonadas pela justiça e pela verdade.

—Todavia dirão aqui os adoradores accerrimos dos direitos do Estado: devagar! é preciso que o Estado, tutor universal de todos os filhos da patria; o Estado que tambem pela sua parte tem o encargo das almas, previna ou, em caso de necessidade, reprima os abusos d'este direito paternal tão exaltado. E que menos deverá fazer, se o pae de familia, como não é raro que aconteça, por negligencia, por incapacidade ou por despotismo, chega a abusar ou a exercer mal o seu direito?

—Ah! Sr. Ministro, se por hypothese, vós mesmo abusardes do vosso, ou ao menos d'aquillo que consideraes como tal? Vós direis e *comnosco* dizem tambem os vossos partidarios assalariados: Se o pae de familia se enganar na escolha dos educadores de seus filhos, ou na maneira de os educar, não será de necessidade que o Estado intervenha para proteger contra os abusos ou contra o uso inconveniente da autoridade paternal a fraqueza da infancia incapaz de se defender per si mesma?

—Mas, Sr. Ministro, pode aqui responder-vos todo o pae de familia, se vós mesmo vos enganardes na proposta de um projecto de lei destinada a regulamentar o ensino e a educação de vossos filhos? O Sr. Julio Ferry apesar de todas as luzes que eu, de boa vontade lhe attribuo, não aspira de certo, mesmo em materia de ensino e de edu-

cação, á infallibilidade que elle nega ao chefe da catholicidade e mesmo á assembleia de todos os nossos bispos; e por mui grande que seja o seu espirito não nos obrigará seguramente a crê-lo infallivel. A Providencia; que eu saiba não lhe assegurou, como ministro, o privilegio da indefectibilidade no governo da sociedade publica, assim como m'o não assegurou a mim, como pae no governo e na administração da sociedade domestica.

Por tanto, eis aqui o que fica entendido e convencionado de uma e de outra parte: o chefe da sociedade domestica, em materia de ensino e de educação pode enganar-se; e o Sr. Ministro de instrução publica, na mesma materia, pode tambem enganar-se. Mas, na hypothese de um erro commettido dos dous lados, dignae-vos notar, Sr. Ministro a *diferença dos resultados*. Se o pae, apesar do amor que o anima e do instincto que o guia chega a enganar-se na escolha do homem educador ou do methodo da educação, se não escolheu nem o melhor systema nem o mestre mais apto, é sem duvida uma desgraça, estamos longe de negal-o; é a desgraça de seus filhos e por conseguinte a sua propria desgraça. Mas este mal, por mais grave que o reconheçamos, não passa de um mal isolado, de um mal localizado, de um mal particular. Ao contrario, se vós, como ministro que actúa em nome do Estado, vos enganardes n'uma legislação directora do ensino e da educação dos filhos de França, não vedes que o mal proveniente d'este erro vae repetir-se tantas vezes quantas são as familias que ha sobre a terra de França, quero dizer, aproximadamente uns oito milhões de vezes, e que, por conseguinte, o desastre, em logar de ser uma simples desgraça particular, se torna realmente uma desgraça publica?...

Porventura terá o Sr. Julio Ferry começado a medir a prodigiosa differença que deve haver entre elle *ministro*, enganando-se na promoção de uma lei do ensino e de educação, e o *pae* de familia enganando-se na escolha de um educador ou de um systema de educação?

E ainda assim, eu tenho supposto no homem de Estado e no pae de familia uma igual probabilidade de erro; eu tenho supposto o ministro de um governo qualquer tão perspicaz e tão fino como o pae de familia, no que respeita á intelligencia, ao coração e á alma de seus filhos. Ora por ventura ha alguma coisa menos fundada que uma tal supposição?

Será verdade que o pae, como tal não tenha recebido de Deus, para tudo quanto se refere a este ponto delicado, a vista penetrante do amor? será verdade

que ordinariamente não adivinhe com uma especie de infallivel instincto o que pode ser mal ou bem para este ser que sahio d'elle e a quem quer tanto como a um outro elle? será verdade que n'isto, salvo raras excepções, a vista do paternal amor não seja mais segura que a do genio politico? e o homem-ministro, ainda o mais habil, ainda o mais desinteressado e o mais dedicado que possais conceber poderá ser, em tempo algum, para aquelles que chamaes os filhos da patria, o que o homem pae é naturalmente para seus proprios filhos? Poderá jámais comparar-se, sob esta relação, a situação de um á situação do outro? E' claro que o Sr. Ministro não tem a pretensão de amar mais estes filhos que seus proprios paes. Suas dedicções *officiaes* para todos os filhos da patria dar-lhe-hão, acaso, para cada um em particular, o amor de um pae? Por mais habil e dedicado que o supponha, nunca um pae lhe reconhecera o privilegio de ser mais habil e mais avisado que elle proprio no que respeita á formação e por conseguinte á felicidade real d'aquelles que ella chama seus filhos.

Deixae pois, Sr. Ministro, deixae os pretendidos abusos da auctoridade paternal, dos quaes desejaríeis tirar um pretexto para a vossa intervenção legal nas cousas da familia. O pae de familia pode abusar do seu direito ou exercel-o mal; quem o duvida? Mas não poderíeis vós tambem abusar do vosso? e o exemplo que daes n'este momento á França inteira não é já bem adequado para nos dizer se todos os ministros são mais avisados e mais infalliveis nas leis que *querem impôr á patria, que os paes de familia na educação que dão a seus filhos?* Ah! o mais desastroso abuso o immenso desastre n'esta conjunctura, não é, crêde-o sinceramente, não é o pae de familia faltando aqui ou ali, na educação de seus filhos, ao dever fundamental da paternidade; o mal, o incomparavel mal, o immenso perigo; no ponto de vista em que nos achamos, é um ministro abuansdo, contra as jovens gerações, do poder de que se vê investido, e tentando confiscar em nome de uma legalidade oppressiva a oito milhões de familias, o seu mais inviolavel direito. Sim, Sr. Ministro, é contra esta ingerencia tão desastrosa como imprudente e injusta que protestam hoje, que protestarão para todo o sempre e por toda a parte todas as consciencias e todos os corações dos paes que tem guardado juntamente com a convicção de seus direitos e da sua auctoridade o sentimento do seu dever e da sua responsabilidade.

Mas, direis vós, se esta intervenção é o direito do Estado não tenho eu, por ventura, como ministro, o dever de a

revindicar e de a fazer prevalecer mesmo legislativamente? Sim, se ella é o direito do Estado. Mas é aqui que está precisamente a questão. Nós a examinaremos, se V. Excellencia se dignar permittil-o, em nossa *terceira*.

Accetae de bom grado Snr. Ministro etc.

Sessão Critica

EXAME CRITICO DE UM MAU LIVRO

Ainda que não terminei a refutação dos erros que se encontram no compendio de historia, escripto por João Antonio de Souza Doria, todavia peço licença aos leitores do *Progresso Catholico* para abrir um parenthesis alim de lhes fazer conhecer um livro que ha pouco viu a luz da publicidade no Porto. Intitula-se—*Breves e familiares instrucções sobre o symbolo para servir de continuação ds breves e familiares instrucções do snr. José Lambert, ... traduzido do francez e annotado pelo padre M. J. Valente*.

Este livro contém erros bastante graves que procuraremos refutar.

A paginas 235 lê-se:

«Deus, diz a Escripura, tendo formado o homem do barro da terra, inspirou no seu rosto um sopro de vida, e o homem ficou vivo e animado. (Gen. 2. v. 7) N'isto cõsiste propriamente a formação do homem; e eis como Deus concluiu sua obra. Mas que é esse sopro divino, de que *Elle* o animou? E' de sua propria substancia, que *Elle* o tira para lh'o comunicar.»

Refutação — Deve regeitar-se toda a interpretação dos textos biblicos que esteja em desharmonia com a doutrina da Igreja ou com o ensino unanime dos Santos Padres. (1) Ora a interpretação que no livro que estamos examinando se dá ao versiculo 7 do 2.º capitulo do Genesis está em desharmonia com os ensinamentos dos Santos Padres e doutrina da Igreja: logo deve rejeitar-se.

Da proposição maior d'este syllogismo não duvida catholico algum. Prova-se a menor.

Santo Agostinho ao commentar o texto de que estamos fallando combate a opinião d'aquelles que creem que a alma é alguma cousa da substancia de Deus: diz que essa opinião deve reprovar-se por ser contraria á fé catholica: porquanto, accrescenta o santo, a natureza e substancia de Deus é inteiramente immutavel, e a alma pelo con-

trario pode aperfeiçoar-se pela virtude ou mauchar-se com o peccado. Eis suas expressões: «Nam cum quidam ex hoc verbo (sufflavit vel insufflavit) crediderint aliquid esse animam de ipsa *substantia Dei* (note-se), id est, ejusdem naturae cujus ille est, hoc ideo putantes, quia cum homo sufflat, aliquid de seipso ejicit inflatu; hinc potius admonendi sumus hanc inimicam fidei catholicae reprobare sententiam. Nos enim credimus Dei naturam atque substantiam quae in trinitate creditur a multis, intelligitur a paucis, omnino esse incommutabilem. Porro autem animae naturam vel in deterius vel in melius commutari posse quis ambigit? (Divi Aug. op. tom. 3, ed. de Basilea de 1556, p. 594: Gen. ad lit. lib. vii, c. 2).

E' pois um erro contrario á fé catholica afirmar que o homem é animado de um sopro divino tirado da propria substancia de Deus.

A alma do homem foi por Deus creada do nada. E' esta a unica solução, que deve dar (por ser a unica verdadeira) ao problema da origem da alma humana. Toda a outra solução é erronea e impia. Isto o diz tambem Santo Agostinho quando combate os erros de Vicente Victor. Ouçamol-o:

«Primum (quod emendari cupiam) est, quod animam non ita vis a Deo esse factam, ut eam ex nihilo fecerit, sed ex semetipso: Ubi non putes esse consequens, ut naturae sit Dei, quia profecto quod sit impium et ipse cognoscis. Qua impietate ut careas, ita oportet ut dicas animae auctorem Deum, ut ab illo facta sit, non de illo. Quod enim de illo est sicut unigenitus Filius, ejusdem naturae cujus et ille est. Ut autem anima ejusdem naturae non sit cujus est ille, facta est quidem ab illo, sed non de illo. Aut ergo dic unde, aut fatere de nihilo. (Divi Aug. oper., tom. 7, ed. mencionada, pag. 1176; *De anima* et ejus origine, lib. 3.º, c. 3.º)

(Continúa.)

P.º *Chrispim Caetano Ferreira Tavares.*

COISAS! COISAS!

As quatro noticias religiosas que se vão ler, cada qual mais importante, são da *India Catholica* de Bombaim, um dos periodicos mais serios e auctosados que conhecemos:

«Depois de percorrer toda a Europa chega á India a noticia de que o governo d'este paiz tem concedido aos jesuitas de Bombaim um pedaço de terra para se fabricar uma nova aza do Collegio de S. Francisco Xavier, pro-

mettendo até pagar metade das custas do edificio.

E' perfeitamente exacta esta noticia, excepto na parte que diz respeito a contribuição de metade das despesas— e quanto a esta, se não ha promessa formal, ha toda a probabilidade ou quasi certeza.

A concessão do terreno de que se trata, foi um dos ultimos actos da governação de Sir Richard Temple.

Mr. Sandford, Commissario judicial da provincia de Mysore e Coorg, acaba de abraçar a fé catholica. E' digno de se notar que dous dos seus predecessores n'esse cargo, Mr. Lewin Bowring e Mr. William Kerr, tambem se converteram á nossa santa religião. Este ultimo é hoje jesuita. Mr. Sandford recebeu o baptismo condicional na Basilica de S. Pedro, em Roma, estando de caminho para a India.

Durante os recentes disturbios na Birmania, assim que sabiu da corte do Rei Thebaw o Residente Britanico, os missionarios anglicanos da Sociedade da Propagação do Evangelho tambem se puzeram em segurança fugindo para o territorio inglez; em quanto que os missionarios Catholicos e freiras ficaram nos seus postos. Agora o bonito é que querendo aquelles voltar á Mandalay el-rei não lh'o permite, e demais manifesta desejos de offerecer a bella egreja protestante ao Bispo Catholico.

Uma faisca electrica incendiou, no dia 12 do mez de junho, um deposito de petroleo proximo de Titusville, na Pensylvania. O fogo durou dois dias, sendo augmentado por outra faisca caída no sabbado seguinte. Trezentos e vinte mil barris de petroleo foram destruidos, bem como uma grande parte da cidade de Titusville. As perdas são avaliadas em um milhão e duzentos mil dollares.»

E' mais uma prova de que os inglezes estão doidos (monomaniacos diria certo monomaniaco do nosso conhecimento) e de que só os liberaes portuezes teem juizo!

Para que servem os frades.— O *Tagblatt*, de Berlim, annunciando a conferencia feita pelo padre Francisco, trapista, no *Circulo Catholico dos operarios*, diz que «os trapistas allemães, expulsos do territorio prussiano, foram chamados pelo governo inglez para a Zulandia, para colonisar esta região e instruir os povos.»

Mais se confirma o dito!

O jornal religioso francez *Le Pèlerin* foi tomado na officina e no correio por ter representado o Arcebispo de

(1) Conc. Tr. *Decretum* de editione et usu sacrorum librorum: Conc. Vaticanum, Const. *Dei Filius*, c. 2.º

Paris fuzilado em 1871. Os exemplares tomados são em numero de cerca de 70:000. Não se pôde reproduzir a imagem das victimas, mas é permitido publicar o elogio dos assassinos. Assim o quer e o entende a *igualdade* republicana!

Os nossos republicueiros de cá applaudem! Pudera! Liberdade querem-na só para elles e para tudo o que for mau. Para os outros e para o que lhes não agrada, nem por sombra! N'isto estão conformes até os jovens da *Academia*. Queríamos que nos dissessem se já houve tyranno que não quizesse a liberdade para si e para os seus,—essa liberdade que applaudem.

A insuspeita *Correspondencia* de Portugal publicou não ha muito:

Ha dias apresentou-se na administração de fazenda, em Sevilha, um sacerdote; e dirigindo-se ao chefe:

—Preciso de fazer entrar nos cofres do estado a quantia de 24:706 pesetas (uns 4 contos.)

—Mas a que titulo?

—A titulo nenhum. Essa quantia fica pertencendo ao estado.

—Peço-lhe que se explique.

—Eu lhe digo; sou parochó da freguezia de...; ha dias confessei um penitente que me incumbiu de fazer esta restituição.

—São as 24:706 pesetas de que eu quero fazer entrega, para dar cumprimento á missão de que fui incumbido.

—Quem é que faz a restituição?

—Não lh'o posso dizer; é segredo de confissão.

—Quer então!...

—Que receba o dinheiro, passe recibo e não queira saber de mais nada.

E no cofre de Sevilha deram entras 24:706 pesetas restituídas.»

Damos um doce á *Vanguarda* ou a qualquer jornal positivista que faça publicar esta noticia positivista nas suas columnas.

Ou elles não fossem amigos da verdade e da justiça!

Lições magnificas está dando a grande maioria dos magistrados francezes aos das outras nações. Uma d'ellas revela-se nas seguintes palavras que se leem n'um jornal de Paris:

«Sabbado teve lugar em audiencia solemne, diz a *Côte-d'Or*, a installação de um joven magistrado nomeado substituto do procurador geral da corte para substituir M. Carãs Legoux, que havia dado a sua demissão em consequencia da execução dos decretos.

Depois do juramento do Candidato, o presidente disse-lhe com voz commovida mostrando a cadeira: *Senhor tomai o vosso logar n'essa cadeira que foi tão*

dignamente occupada pelo vosso chorado predecessor.

Esta homenagem rendida publicamente ao magistrado que rasgou a sua toga na presença da odiosa execução dos decretos honra ao mesmo tempo aquelle que foi objecto d'elle e o eminente magistrado que n'estas circumstancias foi o interprete de todos.»

O *Monde* tambem nos contava ha dias o seguinte, que é outra lição ainda que de outra maneira e dada a outras pessoas:

«Por um dos pontos mais frequentados de Paris atravessava um ecclesiastico: um homem bem vestido aproxima-se d'elle e elevando a voz para poder ser ouvido, diz voltado para o sacerdote:

E' preciso varrer toda esta canalha.

N'este instante, um cavalheiro que se achava a dois passos de distancia ao ouvir o insulto, aproxima-se do insultante e diz-lhe:

Sois um canalha e desafio-vos a que repitais as palavras que acabais de pronunciar.

O outro repete a injuria, mas ainda bem não tinha acabado já lhe estavam nas faces duas violentas bofetadas.

A multidão agrupou-se em roda e todos elogiaram aquella vigorosa intervenção e um official com uniforme offerece ao sacerdote o braço, aproxima-se de um coche e diz:

Subi senhor Cura, terei summo prazer em vos acompanhar a casa.

O ecclesiastico e o official partiam emquanto o insultante que apanhára as valentes bofetadas se retirava envergonhado.»

A *Provincia do Pará* transcreve do *Australian Freemason*: «Affirmam alguns periodicos que o imperador do Brazil é maçom. Nós duvidamos da exactidão d'esta asserção (?); por quanto tendo examinado as paginas do «Boletim do Grande Oriente Unido do Brazil», não vemos o seu nome nos registros d'esse corpo. Entretanto não ha duvida alguma que D. Pedro II tem

grande sympathia pela nossa instituição, á vista da posição que assumiu no conflicto que suscitaram os Prelados *ultramontanos* do imperio. Além d'isso, os mais proeminentes membros do governo e conselheiros privados do imperador, entre os quaes D. Rio Branco, são conhecidos como maçons prestimosos. O imperador do Brazil é notavel por sua *tolerancia* (com os mações ou com os bispos *ultramontanos*?...), e é o monarcha catholico mais intelligente.» (!)

De semelhante elogio libera nos *Domine!*

O que fazem missionarios catholicos! Ouçam os maniacos anti-religiosos que se dizem patriotas.—Ha poucas semanas escreveram de Ceylão á *India Catholica*:

«Esta ilha foi tomada pelos portuguezes em 1505 passando ao hollandez em 1656.—Este ultimo concebeu tal odio ao nome portuguez que de veras perseguuiu os seus descendentes, anniquilou quasi tudo que pudesse conservar o nome portuguez, e finalmente prohibiu até por varios decretos o uso domestico da lingua dos Gamas e Albuquerque! Mas essa lingua prohibida ainda subsiste, ao passo que a dos hollandezes morreu sem deixar sequer o menor rastro. Isto deve-se agradecer principalmente aos missionarios.»

Um tal snr. N. Alves Correa, pela razão muito tola de se dever esperar que o tempo faça tudo, não quer missionarios catholicos em nossas colonias; quer atheus positivistas e nihilistas! Porque não vae com os outros seus collegas civilisar os negros?

—O rev. Philippe Nery Thomé Caetano do Rozario e Souza tendo offerecido ao ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Arcebispo Primaz do Oriente um exemplar da sua interessante obra: *Noticia Historica e Legislação da Instrucção Publica, Primaria, Secundaria e Superior na India Portugueza*, recebeu de S. Ex.^a Rev.^{ma} a seguinte carta:

«Cintra, 24 de julho 1880.—Ill.^{mo} e rev.^{mo} sr.—Quando ainda me achava doente do ultimo ataque que soffri nos fins de maio e durante o mez de junho, tive o gosto de receber a carta de v. rev.^{ma} de 25 d'abril, acompanhando o seu trabalho sobre a instrucção em Goa.

«Não me podendo ser indifferente nada que diga respeito a uma terra a que me prendem tão fortes e sagrados laços, mormente quando são trabalhos de um ecclesiastico que, pelo seu estudo e compostura da vida, sempre me mereceu particular estima, apesar de convalescente para logo li toda a sua obra.

«Com esta publicação prestou v. rev.^{ma} um serviço ao seu paiz e tambem á Egreja mostrando como desde o principio da conquista tomou ella a iniciativa no desenvolvimento da instrucção publica e os grandes serviços que a ella prestaram as ordens religiosas, sobre tudo a benemerita Companhia de Jesus, que tanto fez em beneficio dos povos da India.

«Reciba v. rev.^{ma} pois com os meus agradecimentos a segurança dos sentimentos de sincera estima com que sou —Do v. rev.^{ma} etc., etc.

✠ Arcebispo Primaz.»

Este documento é honroso e merece archivar-se por muitas razões.

O Sr. Aitchison, hoje membro do conselho do Governo da India, embora protestante, entendeu que o melhor modo de domar as tribus selvagens do Arakan era promover entre ellas as missões catholicas.

Varios escriptores anti-religiosos da nossa terra, fazendo um esforço que se lhes deve levar em conta, tambem já vão confessando a utilidade das missões catholicas ao menos para os selvagens. Ora vamos lá! Mas o *Theophilo* e os outros dos *curseos* zangam-se!

A *sexta-feira*. — A sexta-feira que para muitos é considerado dia aziago, para os americanos é o feliz, porque n'uma sexta-feira, a 3 de agosto de 1492, fez-se á vela Christovão Colombo, do porto de Pallos para descobrir o novo mundo; na sexta-feira 12 de outubro de 1492 viu terra, depois de 65 dias de navegação; na sexta-feira 4 de janeiro de 1493 partiu para Hespanha a fim de participar aos reis catholicos a gloriosa descoberta, desembarcando na sexta-feira 15 de março de 1493. Na sexta-feira, 13 de junho de 1494, descobriu o continente americano. Na sexta-feira, 5 de março de 1497, Henrique VII rei de Inglaterra deu a João Cabot a missão que produziu o descobrimento da America do Norte. Na sexta-feira, 7 de setembro de 1555, fundou Melondez a cidade de Santo Agostinho, a mais antiga dos Estados Unidos. Na sexta-feira, 10 de novembro de 1620, o May Flowca desembarcava os emigrantes no porto Princetown; e na sexta-feira, 22 de dezembro de 1620, chegavam os ultimos emigrados a Plymouth Dock. Em uma sexta-feira, 22 de fevereiro, nasceu Jorge Washington; em uma outra sexta-feira tomou Bunker Hill. Na sexta-feira, 7 de outubro de 1777, rendeu-se Saratoga, acontecimento que contribuiu muito para proporcionar aos Estados Unidos o apoio da França.

A traição de Arnold descobriu-se na sexta-feira 22 de setembro de 1780. Yorktown rondu-se em uma sexta-feira de outubro de 1781. Finalmente n'uma sexta-feira de junho de 1766, Ricardo Henrique Lee lia no congresso a declaração de independencia dos Estados Unidos.

UM VIMARANENSE.

Secção Historica

O Sanctuario da Senhora de Guadalupe em Aguas Santas

III

(Conclusão)

E' indizível a devoção dos povos d'estes sitios á Santissima Virgem, Nossa Senhora de Guadalupe. Em todas as suas necessidades recorrem a ella e se valem do seu patrocinio, fazendo-lhe votos, celebrando novenas e cantando missas.

Muitos portuguezes, residentes no imperio do Brazil, a invocam como sua medianeira, e de lá mesmo ordenam que se cumpram os seus votos, e outros, regressando á patria, veem á sua ermida agradecer os beneficios recebidos.

Quando a falta de chuva ameaça uma esterilidade de fructos, e a estação arida em demasia está a ponto de se tornar mortifica, os povos pedem a Deus chuva, por intercessão de Maria Santissima com a invocação de *Nossa Senhora de Guadalupe*, levando em procissão a sua devotissima imagem até á igreja de Mathosinhos, que dista do logar do *Paço* dez kilometros.

Esta devoção é antiquissima: já se praticou no anno de 1643, em que houve uma grande secca e espantoso calor, como consta dos livros da confraria da Senhora; e talvez date da origem da ermida.

E' extraordinaria n'estas occasiões a concorrência de povo que de todas as partes formado em grupos de vias-sacras cerca o andor da Virgem, rezando em coros e supplicando o seu auxilio. Algumas vezes teem acompanhado a procissão mais de cem bandeiras, guiões e estandartes, perto de trinta cruces de confrarias, e mais de vinte cruces parochias representando diferentes freguezias de que se compõe a procissão.

No transitio ha muitas demonstrações de adoração, varios sermões, muitos arcos e mastros de flôres: devoções tão dignas de louvor como de contemplação.

Em Mathosinhos teem chegado a reunir-se quatro mil pessoas que não podem conter-se dentro do grande templo, e, para que todos ouçam o sermão, se improvisa um pulpito no espaçoso adro da igreja.

E' tão grande o fervor e devoção dos fieis, que em alguns annos se teem juntado de esmolas para cima de duzentos mil réis, como aconteceu em 1842, quando, por occasião d'uma espantosa secca, foi a *Senhora de Guadalupe* conduzida a Mathosinhos.

E' a maior procissão que se faz por estas partes, e não me consta que haja outra, em toda a diocese do Porto, que se lhe possa comparar.

No anno de 1714 aconteceu em Mathosinhos um grande prodigio que devo mencionar. O padre D. Leonardo de S. José, conego regente de Santo Agostinho no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e natural de Mathosinhos, achava-se então em casa de seus paes, estando de cama, gravemente enfermo.

A *Senhora de Guadalupe* havia saído da sua ermida em direcção a Mathosinhos, fazendo um excessivo calor; e, quando de tarde voltava para o logar de *Paço*, de repente começou a chover. A casa do enfermo era proxima da egreja; e elle, vendo da cama a chuva, pediu que o levassem em braços á janella, para ver e venerar a Senhora que se ia retirando. Foi tanta a sua devoção e fé, que immediatamente se achou são e restabelecido.

Este facto conserva-se archivado.

Não deixarei tambem de referir, para gloria da Senhora e incitamento dos fieis na sua devoção á Virgem de *Guadalupe*, o milagre visível que ella operou no anno de 1868, e de que eu fui testemunha occular.

Apresentou-se um anno de fome, por que já no anterior de 1867 tinha havido falta de chuvas, sendo o inverno muito secco. As cataratas do céu não se abriam, o sol abraçador e um vento continuo, ás vezes violento, seccava e esterilizava tudo. As fontes e os rios desapareciam, e, deixando morrer queimadas as searas, ameaçavam os homens de fome e de doenças.

No meio d'esta calamidade que todos palpavam, é voto geral recorrer á *Senhora de Guadalupe*, levando-a em procissão á igreja de Mathosinhos. Foi fixado para esta solemnidade o dia 22 de junho de 1868.

Ainda na vespera estava o tempo arido e o sol ardentissimo. O dia 22 apresentou-se já alguma cousa enturvado. Saiu a procissão pela volta das 7 horas da manhã, da ermida de *Paço*, e ao chegar ao monte das *Minas*, limites da freguezia de S. Mamede de Infesta, (proximo do *Pubrão da Legua* e da estrada do Porto a Villa do Conde), principia a chover em abundancia, na occasião em que alli se prégava um sermão.

Todos estavam radiantes de alegria e bendiziam a portentosa *Senhora de Guadalupe*, vendo attendidos os seus clamores e concebendo bem fundadas esperanças da continuação de igual beneficio.

O mesmo tem acontecido em outras occasiões, como em 12 de julho de 1858 em que a devotissima imagem da Se-

nhora saiu em procissão de preces. Apenas no dia 4 do referido mez principiou a novena, como é de costume, logo choveu, continuando nos dias seguintes. Igual *prodigio* se experimentou em 14 de agosto de 1854.

Tambem mencionarei um caso raro que teve logar na ermida. No anno de 1770, pouco mais ou menos, estando a celebrar-se o sacrificio da missa na ermida que se achava cheia de povo, levantou-se uma espantosa trovoadá sobre o logar de *Paço*, chovendo em torrentes. Da atmosphera se precipita uma faisca electrica que penetra no templo. Todo o povo se alarma, invocando o auxilio da Virgem Santissima. Foi ouvida a sua supplica, porque o raio, depois de percorrer o interior do sanctuario, desapareceu sem causar o menor damno a pessoa alguma.

Eu seria extenso, se quizesse enumerar todos os prodigios que os fleis confessam ter obrado a *Senhora de Guadalupe*, invocada com viva fé e sincera

devoção, principalmente quando, em occasião de publicas calamidades, é levada em procissão a Mathosinhos. A ultima vez que se fez esta solemmissima devoção, foi no anno de 1870.

A sua fama voou por toda a parte, sendo por isso objecto de culto e veneração de povos distantes. O veneravel padre Balthasar Guedes, fundador e primeiro reitor do collegio dos meninos orphãos do Porto, e que morreu santamente em 6 de outubro de 1693, foi devotissimo da *Senhora de Guadalupe*, e veio á sua ermida de *Paço* veneral-a, e, além d'isso, escreveu a historia da sua legenda.

Duas festividades se celebram annualmente n'esta ermida, em louvor da *Senhora de Guadalupe*, circumstancia que raro se dá em outra igreja. A primeira é na dominga *in Albis*, e a segunda na primeira dominga de setembro, feitas ambas com igual pompa e grandeza. A festividade de setembro é precedida d'uma novena á *Senhora*.

(Ha para este fim um livro que contém a *Novena da Senhora de Guadalupe*,

feito sómente para esta ermida. N'elle se refere a origem e historia do sanctuario. Foi impresso no Porto, em 1870, e tem por auctor o mesmo que escreve estes artigos.)

Para conservação do culto da Padroeira e para que este seja prestado com a maior pureza do coração, o em.^{mo} snr. cardeal bispo actual do Porto, D. Americo Ferreira dos Santos Silva, dignou-se, em 7 de setembro de 1874, conceder *quarenta dias de indulgencias* a todos os fleis que, nos dias das duas festividades, concorrerem á *ermida do Guadalupe*, de Aguas Santas, e ali orarem pelas necessidades espirituales e temporaes da Santa Madre Igreja, pelo Summo Pontífice e Igreja lusitana.

Tudo isto consta d'um quadro que está pendente da parede interior do templo.

É tudo, emfim, para honra e gloria de Deus, que seja eternamente louvado em sua Santissima Mãe, a *Senhora de Guadalupe*.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Secção Litteraria

A BARCA DO PESCADOR

Ronca medonho o mar; as vagas espumosas
Alçam aqui aos céos a fronte colossal,
Alli mostram do abysmo as fauces cavernosas
Onde eccôa sinistra a voz do vendaval.

Na lugubre região das nuvens fugitivas
Retumba pavoroso o carro do trovão;
A electrica scintilla, em espadanas vivas,
De espaço a espaço aclara e sulca a cerração.

Mas ah! que barca audaz a indomita procella
Affronta, e vae singrando o furioso mar?
Do relampago o fulgor a amostra airosa e bella,
Sem por um só momento a rota variar.

Por flammula e pendão, na cuspide do masto,
O labaro se vê da sacrosanta cruz;
E junto d'olla estende em torno immenso rasto
Sempre vivo phanal que luz derrama a flux.

Silencio! entre o fragor dos soltos elementos
Amortecidos sons de voz distante ouvis?
Dos nautas quaes serão n'est' hora os pensamentos?
Em meio da tormenta o dialogo que diz?

«—Podes, Piloto, a paragem
Da nossa barca dizer?
E sabes de tal viagem
O termo qual pôde ser?
C'oa morte nos ameaçam
As nuvens que no ar perpassam,

E a voragem sob os pés:
Acaso tens confiança?
Acaso esperas bonança?
Não, tu salvar-nos não crês...

«—Quem vol-o disse?—Assaltada
Do raio e do furacão,
Pelas ondas açoitada,
Não resiste a barca, não!
O mastro estala e estremece;
A vaga crece e rocece;
Nós... gelamos de terror!...
E tu, Ancião, tão sereno
Como em dia claro e ameno!
Que esperas inda, senhor?

«—Que logo ao romper da aurora,
Tranquillo o mar estará,
E o céu, tenebroso agora,
Puro e azul se ostentará...
—Ah! perdido o leme e o norte,
Virá mais depressa a morte:
Nosso destino tal é!
—Vão, infundado presagio!
Porque temeis o naufragio,
O' gentes de pouca fé?

«—Por ventura o gran Monarcha
Do universo, o excelso Deus,
Promettera a pobre barca
Sempre guardar-te, dos céos?

—Oh! sim, sim, filhos amados;
E eis porque, maravilhados,
Me vêdes sereno assim:
Das tempestades no meio,
Nunca trepido, ou receio,
Nem por ella, nem por mim...

«Nunca!... que hei sempre patente
A minha estrella polar;
E ao firmamento esplendente
Não tenho que il-a buscar...
Tem belleza peregrina,
Força invencivel, divina,
Inexhausta, intensa luz!
A' cuspide erguei do mastro
As vistas, e o fulgido astro
Vereis de Christo na cruz

«Eil-a alli... e a mão clemente
Que a alli collocou sabeis?
Aquella que, omnipotente,
Ao mundo deu ser e leis...
Eil-a alli, sempre, immutavel,
Tutelar, meiga, adoravel,
Para quem seguil-a quer...
Eil-a alli, doce conforto,
Seguro penhor do porto,
Ao pobre Pedro a dizer:

«Voga, Piloto, governa,
«Sempre, sempre, sem temor!
«Será tua barca eterna,
«Que assim o quer o Senhor...
«Se o mar a sacode e agita,
«Se o tufão a precipita
«No meio de syrtes mil,
«Em voragens e baixios,
«Nunca esmoreçam teus brios:
«Será vão do inferno o ardil.

«E quando a equipage incauta
«Sinta imbelle o coração;
«Quando a vejas, santo Nauta,
«Desconfiar da salvação,
«E crer, no horror do perigo,
«Impotente o braço amigo
«De Deus contra Satanás,
«Feito procellas e escolhos,
«Dize-lhe:—A' cruz alça os olhos:
«Co'esse signal vencerás!»

Porto—Janeiro de 1881.

A. MOREIRA BELLO.

EM COIMBRA!

Terra de *encantos e poesia*—eis o epitheto com que, em todos os tempos, os grandes genios têm exalçado a rainha do Mondego, muitos dos quaes desabrocharam e fructificaram com a seiva da sua arvore da sciencia, que a encima; e em seus escriptos revelam sempre as suaves recordações e saudades d'aquella, onde passaram a quadra mais risonha e esperançosa da vida.

D'ella têm saído os illustres e gloriosos campeões, que tem levado o facho esplendoroso da civilização a todos os recessos do paiz, e ainda além das suas fronteiras; mathematicos profundos, medicos distinctos, juriconsultos versados e theologos abalisados, eis os seus filhos adoptivos!

Ao seu nome acham-se vinculadas tradições e factos historicos os mais gloriosos e immorredouros; cada uma das pedras dos seus velustos monumentos recorda uma geração que passou, e a natureza prodigalisou-lhe, como que em synthese, todas as bellezas, que possui disseminadas no seu vasto ambito.

Collocada n'uma elevada montanha, e ainda estirando-se para o poente pela margem esquerda do Mondego, apresenta um panorama surprehendente, arrebatador!

Circumdada n'a outras montanhas não menos elevadas; ao longe divisam-se pittorescos arrabaldes; e, como servindo de fundo a este quadro, os notaveis campos, que o nosso epico não duvidou

cognominar de *saulosos*, e o poetico Mondego, banhando-a com as suas crystallinas aguas.

O viajero pôde, com confiança, verificar o que levamos dicto.

Se for amante da photographia, da pintura, da paizagem, alli encontrará vistas magnificas, perspectivas surprehendedentes a reproduzir e assumptos variados para o delineamento de seus quadros; se da architectura e archeologia, alli tem os seus monumentos, os seus templos da idade media, d'essa epocha do heroismo christão, dos cavalleiros e das cruzadas, e n'elles pôde estudar os progressos das bellas-artes n'esses seculos, hoje denominados *obscuros*; se allim for amante das sciencias e das bellas lettras, alli tem prelecções publicas na sua Universidade, bibliothecas, museus, jardins e campos que lhe inspirem tambem sua musa.

Se não é indifferente ou insensivel o viajero na contemplação daz bellezas da natureza siga-nos com confiança; algumas horas alegres, precursoras de saudade infinda, passarão velozes e desapercelvidas; siga-nos desde o *Choupal* á *Portella*; e, embora medeie entre um e outro ponto um espaço de perto de seis kilometros, não julgue vér ante si—o *impossivel*;—um carro, uma americana ou traquitana emfim, cortará similhante difficuldade e poupar-nos-ha excessos e fadigas.

Depois de termos descançado um pouco n'algum banco de cortiça collocado á sombra dos loureiros e tenras mimo-

sas, ouvindo o suave murmurio das aguas do Mondego, que, por diversos canaes, se ramificam na matta, denominada do *Choupal*, onde ha poucos annos existia um paul, seguindo para o nascente, passamos por debaixo da ponte do caminho de ferro, que liga a cidade á capital.—Continuando em frente, parallelamente ao rio, deixamos á nossa esquerda a *cidade baixa*, e chegamos ao largo da *Portagem*, o qual dá accesso para a ponte de ferro, que liga a mesma cidade com o bairro de *Santa Clara*, onde se conservam os restos veneraveis da rainha Santa Izabel.

Seguindo em frente eis-nos na estrada da *Beira*, o passeio predilecto do *high-life* conimbricense em tardes d'estio. E' por esta estrada que se facilita todo o commercio com a provincia da Beira, pelo que é importante o seu movimento; em breve, porém, diminuirá, logo que seja aberto á circulação o caminho de ferro que está sendo construido.

D'um e outro lado elevam-se variadas arvores, que projectam perspectiva e sombra agradaveis; bancos dispostos de espaço a espaço convidam os passeantes a descançar e a gozar da fresca brisa da tarde.

Mas sigamos, e em breve chegaremos ao sitio denominado a *Portella*. E' um dos mais notaveis arrabaldes; collocado proximo ao rio e cercado de ferteis quintas, entre as quaes se torna notavel a do illustre fidalgo D. Luiz Lorena, e assás pittoresco.

Para além da *Portella* continúa a es-

trada a atravessar campos magníficos, regados pelo fresco *Ceira*, mas é tempo de retrocedermos; e, depois de contemplarmos, por algum tempo a vistosa ponte da *Portella*, tomemos um novo meio de locomoção.

Entremos pois para um pequeno barco, que, similhando as tão falladas *gondolas venezianas*, nos conduz á cidade, sem, contudo, deixarmos de gozar novas vistas, novas perspectivas, durante a viagem!

Esta será curta, porque o Mondego, com a velocidade da sua corrente, se incumbe de nos servir de motor.

Navegando entre duas alas de elevados choupos e vigorosos salgueiros de espaço a espaço vemos verdadeiras ilhotas d'areia no rio, e olhando para as suas margens, divisamos por entre a ramada, valles e campinas, onde se apascentam alguns rebanhos, pomares, jardins, etc. e ao longe algumas casinhas branqueadas com suas chaminés fumegantes e ponteagudas.

Um pouco mais abaixo, onde já a bacia hydrographica do rio é maior, avistamos a *Lapa dos Esteios*, tão cheia de lapides commemorativas e poeticas, e a quinta das *Lagrimas* com os seus cedros seculares e a sua fonte dos *Amores*, testemunha das alegrias e tristezas de Castro e Pedro.

Mas o sol occulta já os seus bruxulantes raios,—é forçoso regressar á cidade e abandonar logares tão encantadores!

Apromeos ao caes—e demos por finda a nossa viagem!

Coimbra—1880.

P.º ALFREDO ELVINO DOS SANTOS.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

(Continuação)

CAPITULO III

Um assassinato de Nero

A contar d'este dia, Flavio Sabino ficou constantemente dominado por uma inquietação e turbação, que não podia comprehender, mas que tomava cada dia maiores proporções. A convivencia com seus amigos, d'antes tão alegre, já se lhe ia tornando enfadonha: as grandes festas de Roma, longe de alegral-o, entristeciam-no mais; o luxo em que anteriormente vivia, era-lhe detestavel; a

propria vida convertia-se-lhe em um pesadêlo continuo; porque não podia perceber, por mais que excogitasse, nem porque vivia, nem para que, e no seu elevado talento, conhecia que é pouco digna do apreço uma causa, de que se não comprehende nem o principio, nem o fim de sua existencia. Se não fosse o amor que consagrava ao filho, teria já abandonado Roma para ir esparecer por esse mundo a mysteriosa melancolia, que lhe fazia monospregar tudo quanto o rodeava, inspirando-lhe odio profundo a toda a classe de maldades e injustiças e amor cada vez mais arraigado a tudo quanto tivesse o cunho da verdade e do bem.

Sabino só experimentava e sentia algum allivio junto do filho, que crescia em candura e fortaleza, resultado da esmerada educação que seu pae lhe dava.

A's vezes, porém, o prazer que sentia ao ouvir-lhe expressar suas primeiras ideas, e render sua alma aos influxos e inspirações da virtude, esvaciava-se-lhe depressa; e Sabino estremecia como se receiasse sobrevir ao filho alguma desgraça. E então punha-se a meditar na visão que referimos.

Andava ordinariamente só, passeando pelo campo, e algumas vezes meditando interrogava-se: Jupiter será Deus? Ou deverei acreditar com preferencia na Divindade de Jesus, a quem os nazarenos adoram como unico Deus, feito homem, e Creador do céo e da terra?

E então costumava assistir aos interrogatorios dos christãos accusados, e quem quer podia perceber o interesse que lhe inspiravam suas respostas tão simples como energicas. Quando algum era condemnado á morte, não deixava nunca de ir assistir á execução e sempre ficava impressionado e enternecido á vista da fé, intrepidez e heroismo dos justicados. Não podia resistir á evidencia com que se lhe apresentava no espirito a idea de que os christãos, mesmo ao morrer, davam provas de fortaleza sobrehumana.

De dia para dia se iam dissipando seus preconceitos contra o Christianismo: o que ao principio lhe parecia só digno de estudo, mais tarde excitou sua admiração e depois até lhe conquistou sympathias; elle mesmo se admirava ao pensar que insensivelmente e sem até o querer se tornara *mais christão*.

Por diversas occasiões lhe acontecera não poder conter-se chegando a protestar em alta voz, contra os odiosos e barbaros procedimentos, que se empregavam contra as victimas, e até a defendel-as, publicamente. Ora isto começou a divulgar-se em Roma, attenta a importancia da pessoa, e chegou alfim, aos ouvidos de Nero.

O imperador rejubilou-se ao farejar uma preza de tanto alcance; mas quiz proceder cautelosamente. Para certificar-se de que não o haviam enganado, mandou um dia, chamar Sabino. Este apresentou-se immediatamente no palacio do Cesar.

Este palacio, chamado a Casa d'Ouro, tomava toda a árca comprehendida desde as eminencias do Palatino até ás alturas do Esquilino e dos escombros do templo de Venus até ás faldas do monte Celio, n'uma circumferencia de mais de cinco kilometros!

(Continúa)

EXPEDIENTE

No proximo n.º daremos a lista por n.º dos assignantes que tem pago as suas subscrições. Muito era para agradecer se todos tivessem pago para nos evitar trabalhos.

Secção Bibliographica

Occupamos hoje esta secção com o seguinte magnifico artigo que, ácerca do livro *A Roma*, ultimamente editado pela livraria do editor do *Progresso Catholico*, deu á estampa o nosso excellente collega da Madeira, a *Verdade*, e que só hoje nos é dado transcrever:

A ROMA!

Mais um livro precioso nos é offerecido pela benemerita casa editora Teixeira de Freitas, de Guimarães. Nos tempos que vão correndo é um serviço assignalado lançar na sociedade um desinfectante e um balsamo que ao mesmo tempo purifique as almas da peste que as corrompe e lhes dê força e saude para não contrahirem de novo a gangrena.

Isso fará a leitura do livro a que nos estamos referindo devido á bem aparada penna do Snr. Padre Martins Capella, intitulado *A Roma!*—E' o esboço de uma peregrinação feita ao centro da catholicidade por occasião do jubileu pontifical do inolvidavel e para sempre saudoso Pio IX. Já n'este proposito se escreveram dois livros de muito merito: um do Snr. Padre Conceição Vieira e outro do Snr. Prior da Chamusca, Prado de Lacerda. Mas nem o assumpto se devia considerar es-

gotado, nem o escriptor é d'aquelles que sossobram ou descorçoam facilmente ante um caminho longo, difficil e já muito andado.

Bem longe de recuar ante essas difficuldades parece que se lhe levanta o animo para proseguir. Eil-o pois a caminho, lesto e prompto com o sorriso na face e o enthusiasmo na alma, mais alegre, mais seguro, mais animado do que no dia da sua missa nova.

Quereis enganar-vos? Lêde o primeiro capitulo e vos prometto que tomareis logo tal interesse que só largareis o livro ao concluir as ultimas paginas. E' um d'estes escriptos que se leva de um folego. O estylo é terço e puro, o modo de dizer suave, claro, e facil. A descripção rapida, mas transparente, exacta, perfeita como se tiveramos a paisagem, o edificio, o objecto diante dos olhos.

Desejaes conhecer os peregrinos? Lêde o capitulo 2.º e ficareis encantados com o esboço fiel de alguns dos typos que alli se reuniram.

E os gritos furiosos de uma certa imprensa, que se inspira nos odios rancorosos da incredulidade como são recebidos galhofeiramente pelo author! Alli ao entrar no Porto e ao atravessar a Praça Nova, onde não podiam ficar silenciosos os frequentadores. Assim á maneira de outras praças, onde se congregam os ociosos e pedantes para mofarem de tudo e de todos sem medirem sua propria nullidade. Ora como não seriam recebidos no Porto, o bagueiro da liberdade, os peregrinos a Roma! Admira até que não gritassem ás armas para salvaguardar as liberdades em perigo!... Lá valentes até alli!

E assim nos guia sempre de boa e aprasivel camaradagem até Roma, onde nos offerece o que de mais notavel ha nas ruinas do paganismo e nas grandezas catholicas.

Mas queremos que n'esta leitura proveis tambem o dulcissimo e puro prazer das lagrimas.—Oh! se é tão doce chorar! como se nos desopprime o peito, como se dilata o coração, como se dulcificam as magoas, como se transformam os pensamentos mais lugubres em suas harmonias, em temperadas claridades. Não assististes á audiencia dada pelo Santo Padre aos peregrinos portuguezes? Entrae agora, posto que parece já um pouco tarde, entree com o auctor (e o fareis mais facilmente do que elle que se viu um pouco atrapalhado para o conseguir); olhae para o vulto incomparavelmente sympathico do amabilissimo Pontifice; vede-lhe o gesto nobre e gracioso; escutae-lhe a palavra harmoniosa e persuasiva; fitae-lhe o olhar limpo e attraheito, o sorriso encantador; recebei-lhe depois a benção sancta e se ficardes com os olhos en-

xutos então é porque não tendes coração, ou está elle tão endurecido que se afigura já morto.—E senão ouvi: «Por uma porta lateral no fundo apparecem os primeiros archeiros da guarda palatina em cerimonia, vem após alguns fidalgos camaristas, os prelados domesticos trajando sotainas róxas, oito cardeaes purpurados, e por fim conduzido na *sediu gestatoria* o Santo Pontifice de simples batina branca, fxa branca, brancos os cabellos e o solideo branco.

«Traz o sorriso nos labios e a bondade do coração a transluzir-lhe no rosto aberto e sereno.

«Acolhe-o um murmurio indescriptivel de immensa sympathia, de veneração, d'amor filial.

«Não se resiste: a onda de affectos que referve no peito de cada um ha de vir fóra em applausos—Viva Sua Santidade, o Santissimo Padre, o Papa Pio IX! foi um só grito unisono, rijofremente como o estourar de vaga na praia—Viva o nosso amantissimo Papa! Viva o Pontifice da Immaculada! Viva Pio IX Pontifice e Rei! e os lençãos agitavam-se com delirio, e as lagrimas corriam a flux, e a animação recrescia animada, louca! era a erupção de um vulcão d'affectuoso amor, como nunca presenciei, nem hei de presenciar em vida minha.....

«Das nossas lagrimas poderam rir os gazeteiros e achar ditos engraçados sobre o thema da peregrinação portu-gueza; mas o que lhes eu garanto, é que nunca elles as choraram tão doces, em sua vida, por não provarem nunca do goso divino d'amar, como nós amamos.»

E' certo. Onde se poderão experimentar doces sensações como nos actos dirigidos e inspirados pelo sentimento religioso? Vêdel-o se os politicos nas suas assemblêas, os industriaes em suas officinas, os agricultores em suas labutações, ainda que bafejadas pelos arcs da prosperidade alguma vez sentiram o enthusiasmo e as commoções do christão no templo em dia de solemnidade, no confissionario, na meza santa ou diante da cadeira da verdade!

Não, não é possivel. Bem se vê e bem se sente como n'estas phases da vida religiosa ha um poder sobrenatural, actuando nas almas e levantando-as a uma altura a que não podem chegar jámais os prazeres ineramente terrenos.

E por que fallamos d'estas fugazos e illusorias venturas da terra, apreciae ainda como vos falla o auctor d'estes grandes centros de actividade industrial, nos quaes são sacrificados milhares de infelizes ao deus cruel e insa-

ciavel do presente seculo—o progresso material. Attentae nas reflexões tão sensatas como christãs.

«Triste condição do operario, adscripto a estes centros monstros da industria! Para manter a vida do corpo, tão arriscada ainda assim, tem de renunciar á vida da alma, mutilando-se por tal guiza na parte mais nobre do seu ser. Santas alegrias da religião e da familia não as provará senão de maravilha; e em cima ainda os apostolos do socialismo lhe hão de escaldar as entranhas com a sêde insensata e insaciavel das riquezas, e o odio a Deus e aos homens! Que immensa desgraça e tremenda responsabilidade!»

Assim se condoem dos pobres operarios, convertidos em machinas de trabalho improbo, os homens de crenças. Assim lamentam o abandono de infelizes creaturas, das necessidades da alma, ás quaes ninguem attende.

Vêde se algum philosopho, por muito humanitario que se finja, sente compaixão em presença d'estas desgraças, tão frequentes n'esta epocha. Nada d'isso; o que elles procuram é explorar as forças do homem, augmentar o producto do trabalho, accumular riquezas e soffra quem soffrer.

Aqui tendes pois como as idéas, os sentimentos nobres, as apreciações exactas formam a trama do livro, a que nos estamos referindo. Abri-o e lêde-o para sentir momentos de doce e santo prazer, para vos fortalecorderes com as lições da verdade; para se vos accender n'alma o amor pela egreja, pelo seu chefe, pelas instituições christãs.

Tereis lucrado muito e abençoado depois a obra, o auctor e o tempo bem empregado.

Subscrição para o infeliz entrevado que deseja ir a Lourdes

Transporte	3\$725
Da Ex. ^{ma} Snr. ^a D. Margarida A. Sarmento	2\$250
Somma	5\$975

Continua aberta a subscrição.

IMPRESSA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS